

Ainda temos caminho à frente

Márcio Veríssimo*

Um dos pontos que as companhias brasileiras sempre estiveram muito atrás das americanas e europeias é a governança corporativa. O mercado brasileiro, porém, evoluiu muito, principalmente com a criação do Novo Mercado e a onda de aberturas de capital, que trouxe para o mercado companhias mais alinhadas com o padrão global de governança.

Essas companhias novas já vieram ao mercado com uma estrutura de capital onde todas as ações têm direito a voto, compromisso com maior transparência nas demonstrações financeiras - incluindo-se demonstrações em padrões internacionais e fluxo de caixa, 20% de conselheiros independentes, direitos de tag-along, entre outros pontos positivos para acionistas minoritários.

Outro fator novo no mercado são as chamadas "corporations", as companhias cujo controle é difuso, sem um controlador claramente definido. Isso fez surgir novos desafios para essas companhias. Entre eles: como atingir quóruns adequados em suas assembleias gerais; como evitar precificações muito baixas de seus papéis que poderiam desencadear propostas de aquisições hostis; saber o que fazer se ocorrer uma compra hostil.

Além das novas companhias, as companhias tradicionais também incorporaram algumas dessas tendências dos novos tempos, adotando pelo menos o nível

1 de governança corporativa da Bovespa e o direito de tag-along para seus acionistas. Então, não há dívida que avançamos com força nesse sentido nos últimos cinco anos, mas o problema que nos colocamos hoje é que muitas pessoas parecem acreditar que já atingimos um nível de excelência global, quando a verdade é que estamos longe disso.

Em primeiro lugar, se as companhias novas trouxeram um novo fôlego ao mercado, por outro lado, elas não têm o mesmo peso no mercado que algumas das antigas, cuja participação, por exemplo, no Ibovespa é muito maior.

Mudanças houve, mas não podemos dizer que foi uma mudança institucional, que o mercado se profissionalizou. Para um investidor estrangeiro, que possivelmente não conhece as regras de novo mercado, é difícil ficar investigando quais companhias atendem que padrão de governança, uma vez que esses investidores prefeririam que o mercado fosse bem regulado como um todo e que seus direitos fossem protegidos, independentemente de escolher uma ou em outra companhia. Afinal, já é bastante trabalho ter que se preocupar com as perspectivas de rentabilidade e ainda ter que ficar estudando e limitando seu escopo de investimento em função das práticas de governança.

Mas isso depende fundamentalmente de novas legislações e de empenho do governo, então o poder de atuação das companhias com relação a esse ponto é ainda bastante limitado. O que é preocupante é a aceitação pelo mercado de que já atingimos um nível ótimo de governança, que as exigências

do Novo Mercado são o supra-sumo e que quem está no Novo Mercado pode dar-se o luxo de ficar sentado em berço esplêndido.

Não é verdade. As companhias brasileira, mesmo muitas das que estão no Novo Mercado, ainda estão bastante atrás do padrão americano ou europeu. São diversos pontos a melhorar: maior separação entre funções executivas e de supervisão, maior transparência e profissionalização na escolha dos conselheiros, regras claras de avaliação e remuneração dos executivos, menor ingerência do controlador sobre as decisões da companhia.

Para isso, esperaríamos mais medidas como formação de comitês específicos para certos assuntos, como remuneração e nomeação de conselheiros e diretores, a separação estrita entre a função de diretor e de conselheiro, um conselho com a maior parte de seus membros independentes, práticas comuns no exterior e ainda distantes da nossa realidade.

* Consultor, especial para Gazeta Mercantil

E-mail: ri@gazetamercantil.com.br

DIVULGAÇÃO EXEMPLAR™ EMPRESAS CERTIFICADAS NET SERVIÇOS

AGENDA DO INVESTIDOR

Empresa	30/01	31/01	--
Brazil Telecom	30/01	31/01	--
Gafsa	29/01	30/01	--
Gol	29/01	30/01	--

Fonte: www.divulgacaoexemplar.com.br